

SÉRIE ANTROPOLOGIA

214

**VILA SÃO JORGE & PARQUE NACIONAL
DA CHAPADA DOS VEADEIROS: O
IMPACTO CULTURAL DE UM PROJETO
ECOLÓGICO**

Alex Ricardo Medeiros da Silveira

**Brasília
1997**

À Fernando Mandarinó
e Josemi Alves
dois amigos
sorridentes
solidários
musicais
eternos companheiros
da Chapada.

Aos leitores

O presente volume surgiu como dissertação de graduação em antropologia, na Universidade de Brasília, com a orientação de Julio Cezar Melatti, a quem agradeço especialmente.

Mais de meia década depois de nossa pesquisa foi preciso rever e aprimorar o texto, a análise, no entanto, permanece relativa ao processo vivido à época do trabalho de campo. As transformações da sociedade local prosseguiram com relativa intensidade. Hoje, a região da Chapada dos Veadeiros é um dos pólos de desenvolvimento ecoturístico do Estado de Goiás. Onde quer que se ande encontram-se placas "oferecemos refeições", "camping" ou "aluga-se quartos", seja nas velhas casas de adobe ou em novas construções pertencentes às famílias da Vila São Jorge. A administração do Parque, empossada após a conclusão da pesquisa, atendeu iniciativas no sentido de instituir a atividade de condutor de visitantes, presença obrigatória nas trilhas do Parque - e mais uma fonte de renda para os moradores.

Faltam, entretanto, (1) um estatuto que defina responsabilidades inerentes à atividade de condutor, considerando que há riscos de acidentes graves; (2) uma política de visitação que ofereça ao turista um serviço regular, com garantias de lazer e educação e (3) um plano de manejo, ferramenta imperfeita - como procuramos demonstrar -, mas indispensável.

Os conflitos entre interesses particulares assumem, agora, um lugar de destaque. Simultaneamente o paradigma do ecoturismo começa a ganhar força no discurso político de alguns agentes, entendendo as formas da vida local como patrimônio a ser conservado. Modos de vida, como todos sabemos, estão em permanente mudança. O garimpo atualmente é memória. Apesar disso, as contradições entre Vila e Parque não diminuíram, apenas assumiram outros conteúdos. E isso indica que comunidades vizinhas à unidades de conservação sofrem um impacto duradouro, o qual merece o olhar antropológico.

SUMÁRIO

Introdução	5
1. Vila e Parque	8
2. "Parece que é um feitiço: roça, garimpo, turismo e o jogo da identidade	15
3. Ecologia e Cultura	23

INTRODUÇÃO

O pensamento da sociedade brasileira passa no momento por uma inquietante reestruturação. O discurso laudatório da natureza, dos recursos fabulosos à vocação do grande país, indicava um caminho quase que espontâneo para o desenvolvimento. Nessa última década, no entanto, os problemas sociais emergiram assustadoramente no seio de uma população miserável e ansiosa por uma distribuição de renda que não veio. Percebemos então, que essa fonte "inesgotável" de riquezas, além de por si só não ter conseguido estender suas virtudes à sociedade, está ela mesma em um estado de degradação crescente. Ao discurso laudatório acrescenta-se agora o salvacionista, tão em evidência em nossa conjuntura política.

Estória de herói não funciona sem vilão. Nossa moral habituou-se a estigmatizar alguns grupos sociais, justificando-se assim da desordem social do país e, mais ainda, da própria inércia. Ao lado da retórica igualitária, componente da propalada democracia, o que aprendemos diariamente é conviver com a dura realidade do desemprego, da violência urbana, do racismo. Onde a própria reivindicação de direitos é mal vista, a desigualdade acaba sendo aceita como inevitável.

Esta dissertação de Antropologia trata de um desses grupos excluídos, os garimpeiros. Herberto de Sales, em 1955, já nos dizia que "o garimpeiro talvez seja o mais desfavorecido de todos os trabalhadores brasileiros". Exemplo privilegiado dessa nossa distorcida configuração moral, eles são vistos como os grandes responsáveis pela depredação da natureza no que tange à exploração mineral. Rudes e desqualificados, não conseguiriam mais reintegrar-se ao restante da sociedade. Os chamados cidadãos, entretanto, acompanham indiferentes a pilhagem comercial dos recursos naturais. Ignoram, ainda, a questão ideológica da supervalorização do mineral como bem econômico, objeto de luxo e status social, o que lhe dá preço, tornando o garimpo uma iniciativa viável.

A verdade é que o próprio Estado, atendendo interesses nacionais e estrangeiros, tem fomentado esse devastador ressurgimento da garimpagem no Brasil. Isso é bem ilustrado pelo governo Sarney, ao abrir em nome do Projeto Calha Norte, sem qualquer objetivo explícito, uma pista de pouso a cinquenta metros de uma aldeia Yanomami, na região de Paapiú (Roraima). Mudou-se o governante e a situação lá é a mesma. A despeito disso, a opinião pública enxerga tudo como consequência da desmedida ambição de anônimos garimpeiros. Gerônimo de Albuquerque, em uma outra introdução (1984), relaciona quais são os outros grupos envolvidos nessa nova "corrida do ouro":

Ministros, empresários, donos de garimpo, atravessadores, contrabandistas, arrivistas endinheirados e políticos oportunistas compõem a cruzada invasora. Na retaguarda, um exército de 300 mil homens desfigurados, foras-da-lei, tangidos pela fome e o desemprego, expulsos da terra, induzidos a buscar a única alternativa de trabalho e de vida que lhes resta: a ilusão, a sorte e o logro...

Os garimpeiros de quem falamos aqui vivem realidade bem diferente. Radicados na região da Chapada dos Veadeiros, ao norte de Goiás, para onde foram atraídos pela "fofoca" das jazidas de cristal, estão mais ligados à terra, porque são também agricultores. O quartzo hialino ou cristal de rocha, por ter um valor oscilante e limitado, divide com a roça e a criação o espaço produtivo. A exploração do mineral é realizada com técnicas artesanais, mobilizando poucas pessoas (principalmente velhos, mulheres e crianças) e contribuindo para a exígua economia familiar.

Esses herdeiros de estilos de vida geralmente pensados como distantes, o camponês e o garimpeiro, têm vivido transformações recentes e radicais. Não resistem a possibilidade de vender suas "posses" para alguns dos milhares de forasteiros que procuram a região e, ao mesmo tempo, vêm perdendo o seu acesso às áreas de garimpo, que antes, podiam ser usadas por todos.

Há três décadas a Vila São Jorge¹ acordou, por decreto, dentro de um Parque Nacional. A partir daí, tornou-se cada vez mais controversa a situação fundiária da região. Pressões políticas, superposições de registros, conflitos entre posseiros e fazendeiros, garimpeiros e guardas florestais, fazem parte da história de uma unidade de conservação que nunca pôde cumprir qualquer objetivo, porque não tem o controle legal e definitivo da área.

Vítima de duas redelimitações que o deixaram dez vezes menor, o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros espera ainda o resultado de uma nova ação de desapropriação impetrada pelo IBAMA, após o que poderá receber o imprescindível plano de manejo, com o estudo da sua relevância e as propostas de uso e preservação.

A Vila e o Parque agora são vizinhos. Porém, vizinhos muito próximos. Dá-se pela Vila o acesso de turistas aos principais pontos de visitação do Parque, este, por sua vez, guarda uma parte do universo simbólico e dos produtos da sobrevivência daqueles moradores. Essa intimidade específica,   ponto de partida para entender em um nível mais amplo, em que medida cultura e preserva o ecológica condicionam-se, conflitam ou se complementam.   o que pretendemos nesse estudo de impacto cultural, traçamos um paralelo com o que denomina-se em antropologia de "avalia o de impactos sociais", relativa   projetos de desenvolvimento. A tentativa   de determinar a forma dessas inesperadas interferências em fun o de projetos de preserva o (que têm implicado inclusive em realoca es) e as respostas geradas pela comunidade-alvo.

Com este objetivo buscamos o conceito de conserva o e o conteúdo da questão cultural do ponto de vista de ecólogos e ecologistas. Para tanto recorreremos aos planos de

1. Município de Alto Paraíso - GO.

manejo de alguns parques nacionais brasileiros, a artigos de impressos diversos, entrevistas e outros estudos. Procuramos retirar do próprio universo dos grupos envolvidos as soluções apresentadas para um entendimento possível entre cultura e ecologia.

Para falar da cultura local realizamos o trabalho de campo somado a quase dois anos de convivência, iniciada quando um grupo de estudantes de antropologia decidiu ver o mundo mais de perto. Todo o diálogo foi possível com entusiasmo e sensibilidade: saber querer ouvir. Descobri garimpeiros que amam o cerrado e sobre ele tem muito o que ensinar. Descobri também a magia de um lugar, que no imaginário esotérico-místico-religioso da região, será aquele onde surgirá uma nova civilização, esta, talvez, em harmonia com a natureza.

1. VILA E PARQUE

São Jorge, o santo guerreiro, é no candomblé da Bahia o orixá da caça, Oxossi. Chama-se sincretismo, a relação que se deu entre elementos religiosos de tradições culturais diferentes. Oxossi é um orixá, um ancestral lendário cultuado pelos iorubá, africanos que vieram principalmente da Nigéria. São Jorge é um santo, personagem mítico do catolicismo, veio da Europa com os portugueses. São origens da religiosidade brasileira associadas desde a escravidão.

Na Vila São Jorge não existe culto afro-brasileiro, o autor é que recorre ao que sugere o imaginário mítico para contar a sua história. Muitos dos migrantes que povoaram a região dos garimpos da Chapada dos Veadeiros vieram da Bahia. Essa é a origem da maioria daqueles que lá permaneceram e criaram os filhos, os primeiros nativos. Eles saíram de Barreiras, Angical, Seabra, Rio Branco, Macaúbas, Santa Maria da Vitória, entre outras cidades do sertão, em busca dos garimpos; revivendo neste século a história da ocupação de Goiás do século XVIII.

Revelavam assim aquilo que melhor caracteriza o garimpeiro, uma incansável disposição de ir em busca de um futuro incerto, mesmo que para isso tivessem que abandonar tudo. Caçadores assim como Oxossi. Na língua popular, em Goiás especialmente, quem caça, procura, persegue obstinadamente.

A viagem de Zé Raimundo, morador, baiano de Itapicuru, mostra esse ímpeto aventureiro, caráter de todo garimpeiro. Ele decidiu vir no mesmo dia que soube do garimpo da Chapada. Chamou um amigo e empreendeu viagem de oitenta léguas a pé (560 quilômetros), segundo conta. Parou em Barreiras onde estabeleceu roça de algodão. Quando ouviu outro cochicho sobre o cristal largou tudo: "não quero nada com o certo, dá minha parte que eu vou embora".

Quem caça arrisca e Oxossi, caçador de uma flecha só, teve uma única chance de tornar-se imortal, matando o grande pássaro que atrapalhava a Festa dos Inhames do Reino de Ifé (Verger, 1987).

São Jorge, o padroeiro

O padre Beno Bakermans, holandês, desde 1958 na Chapada, conta-nos que os garimpeiros arranjaram uma imagem de São Jorge e por iniciativa de Severiano da Silva Pires batizou-se com este nome a localidade, que antes, e até hoje na palavra de alguns, era simplesmente a Baixa. Esta mudança encontra-se no livro de registros da paróquia, pela primeira vez, no ano de 1954.

Escolhido protetor dos garimpeiros da Chapada, São Jorge foi "cassado" em 1969: a festa do seu dia, 23 de abril, deixou de ser obrigatória no culto católico. Apesar disso, ele não deixou de ser um dos santos mais festejados pelo povo brasileiro. Por uma estranha ironia tornou-se o santo também um excluído, sem privilégios institucionais, da mesma forma que um garimpeiro.

Ao povo e ao santo, entretanto, o **status** pouco importa, unidos pela história celebram-se um ao outro. Na Festa de Abril, homenagem a São Jorge, a maior comemoração do povoado, ambos reafirmam a sua dignidade enquanto resgatam sua identidade. Em muitas músicas cantado, saudado em prosa e verso, São Jorge está no folclore brasileiro. Qual o brasileiro, olhando para a lua cheia, não procurou vê-lo, "sempre firme sobre o cavalo", com o dragão aos seus pés ?

Cristais e corrutelas

Ao iniciar-se o Século XX, praticamente todo o cristal de rocha consumido no mundo provém dos garimpos brasileiros, naquela época localizados principalmente em Goiás, nas imensas ravinas da Serra dos Cristais (Freitas, 1973).

Em qualquer sociedade em que a oralidade é o meio privilegiado de transmissão de conhecimentos são os mais velhos aqueles que trazem na memória a sua história. Na Vila não é diferente, basta procurar um deles, sentar num banquinho ou no chão de terra batida, aceitar um café e ouvir. Todos indicam, no começo, uma data: 1912.

Saiu do próprio punho de um garimpeiro, um dos poucos documentos que confirmam essa origem:

Estes garimpos foram descobertos muitos anos antes deste Parque: dissemos o que as datas de todos pesquisa e descoberta pelos garimpeiros (sic); o Garimpão foi descoberto em 1912, a primeira jazida desta região...(abaixo-assinado, 1988)

O povoamento da Baixa dos Veadeiros² deu-se em função de um mineral então pouco conhecido: o cristal de rocha. Ele começava a ser explorado em larga escala ao sul de Goiás, onde originou-se a cidade de Cristalina. Até o final da década de 30, quando a pedra por suas propriedades tornou-se matéria-prima da indústria elétrica, pouco se sabe.

Ao lado das jazidas de cristal da Chapada surgiam acampamentos. A importância de algumas jazidas levava a fixação de garimpeiros, principalmente famílias. Estes lugares transformavam-se então nas chamadas corrutelas, pequenas vilas que deram origem a várias cidades de Goiás. Outras desapareceram, como a localidade do Silêncio (próxima à São Jorge), completamente abandonada em 1971.

A vida temporária dessas comunidades pode ser diretamente explicada por uma economia vinculada à extração mineral. Explorando um recurso natural finito esta atividade não pode deixar de ter um caráter transitório:

2. Alto Paraíso, sede do município, teve início com uma fazenda de trigo na metade do século XVIII. Na década de 30 aparece com o nome de Veadeiros, um distrito do município de Cavalcante, e por lei estadual de 1953 emancipa-se.

Suas fases são quase fatais: descobrimento; um período de expansão febril, caracterizado pela pressa e semi-anarquia; depois, um breve, mas brilhante, período de apogeu, e , imediatamente, quase sem transição, a súbita decadência, prolongada, às vezes, como uma lenta agonia (Palacin, 1979: 11).

Palacin refere-se ao ciclo do ouro em Goiás. É importante tê-lo em vista para explicar os movimentos de populações que geraram e extinguiram povoados. Entretanto, as particularidades do quartzo no mercado e a forma de produção local permitiram que esta realidade cíclica fosse passível de repetição na região da Chapada.

Dona Ana Maria da Conceição, baiana de Angical, diz que a própria Vila São Jorge foi uma corrutela que acabou. Ela chegou em 1950 e lá encontrou apenas o rancho de palha de Domingos Barreto. Antes disso, porém, a Chapada tinha vivido um dos seus momentos mais "brilhantes".

A despeito do cristal natural³ ocorrer quase exclusivamente no Brasil, seu preço sempre foi determinado pelas circunstâncias do mercado internacional. No começo da Segunda Guerra Mundial a indústria bélica criou a primeira grande demanda. Utilizou-o na fabricação de sonares, transmissores de rádio, telegrafia e telefonia e também minas de defesa.

Assim, em 1941, chega em São Jorge Rodolfo Venceslau de Almeida, baiano de Macaúbas:

Isto aqui era um invento danado. Era Baixa, Garimpão, Varginha, Pedrão, Santana, Estiva. Aquilo ali era gente como o diabo. Mas quando foi, deixa eu vê... dezanove, não, nove de maio de 1945 que terminou a guerra, o cristal fracassou, acabou, não ficou valendo nada. Aí agora o povo foi espiticando, espiticando... ficou algum, trabalhava aqui na frente do São Miguel (rio), que trabalhava aí num pedacinho de roça e sempre no garimpo.

A informação do Sr. Rodolfo é precisa, segundo o Perfil Analítico do Quartzo (1973), o período da guerra mobilizou cerca de 50.000 garimpeiros em todo o país, com o seu fim as exportações brasileiras caem ao menor nível desde 1936. Nesse momento é que deixam de existir várias vilas e até mesmo a Baixa. Aqueles que ficaram desenvolveram um tipo de economia mista na qual agricultura e garimpo complementavam-se.

A Chapada viveu, conforme falam, outros períodos de "influência" do garimpo, ou seja, momentos de expansão da atividade. Um dos mais citados é o de 1952, que pode ter envolvido quase 3.000 garimpeiros na região. Essa nova demanda e conseqüente aumento de preços pode ser explicada pelo início da Guerra da Coreia em 1950.

3. O cristal de quartzo passou a ser cultivado artificialmente, a partir de 1958, pela indústria (crescimento hidrotérmico a partir de semente de cristal natural de grau eletrônico e lascas como nutriente). Atualmente o cristal artificial atende 95% das aplicações piezoelétricas e da ótica.

Quando o garimpo dá reação, que todo mundo junta o pessoal, vai aquele fuê, sustenta. Aí o cristal cai de preço, perde o valor, aí o povo vai se afastando, mas nunca deixa de ter aqueles mais incutido (Zé Raimundo).

É, fica pouquinho mas não acaba (Rodolfo).

A partir daí a vila vai se desenhando como ela é. Surgem as primeiras casas de adobe, o nome e o culto a São Jorge.

ONU, Parques e mudanças

Em 11 de janeiro de 1961, antes da última grande "influência" garimpeira, Juscelino Kubitschek assina em Brasília a criação do Parque Nacional do Tocantins (PNT). Não há nenhum documento oficial que explicita as razões do ato presidencial. O próprio texto do decreto não declara o interesse ecológico que justificaria a preservação da região, como por exemplo a proteção de alguns dos rios formadores do Tocantins. No entanto, resta uma única evidência, encontrada nos arquivos do IBAMA: uma sugestão da "Fundação Coimbra Bueno Pela Nova Capital do Brasil", entidade engajada na construção de Goiânia e Brasília.

A construção de uma nova cidade é proposta à Organização das Nações Unidas (ONU) em função da polêmica sobre a transferência de sua sede. A Chapada dos Veadeiros é apontada como um dos lugares do Planalto Central Brasileiro onde "a nova sede da Organização poderá ficar em local protegido por um plano que oriente o desenvolvimento da região". Uma verdadeira utopia, elaborada como um determinismo ecológico-cultural, parte de considerações como "habitat ideal" e "meio ambiente adequado", que integrando representantes de todas as culturas levaria à síntese de uma "nova mentalidade". Juscelino Kubitschek não deixaria de ficar seduzido pela idéia dessa fundação, afeito como era à transformar sonhos em cidades. Em dezembro de 1960, 42 dias antes do decreto do Parque, ele recebe um ofício da Fundação Coimbra Bueno sugerindo a criação imediata do "Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros". Este mesmo documento revela que as Nações Unidas teriam acenado com uma resposta positiva.

A frustração do projeto talvez explique o descaso posterior com essa unidade de conservação. É provável que nessa época tenham se multiplicado os cercamentos e registros de caráter duvidoso. O Serviço Florestal do Ministério da Agricultura, órgão responsável, não promoveu qualquer trabalho de sensibilização com as populações inseridas e nem mesmo a desapropriação das terras.

O povo de São Jorge, alheio ao que não acontecia, viveu uma nova "corrida" ao cristal. O golpe militar de 1964, trouxe segundo Freitas (1973), uma política de incentivos fiscais ao exportador e ampliação do mercado brasileiro no exterior. Vários "fisqueiros", compradores de cristal, aportaram na região. Além de algum capital possuíam um bem fundamental para o comércio do garimpo naquela época: o caminhão. Às vezes serviam-se até mesmo de aviões, que pousavam ou decolavam de uma rua do povoado. O acampamento ao lado de um riacho recebeu o nome de Rodoviária. Nesta "rodoviária"

chegava, porém, um único ônibus que fazia a linha Alto Paraíso-São Jorge e conforme ouvi "andava mais nas costas".

Um levantamento do "Distrito de São Jorge (Garimpo)" realizado em junho de 69, pelo Departamento de Parques Nacionais e Reservas Equivalentes (DN) - IBDF, indica 63 casas na Vila, com 268 pessoas, entre elas estão muitos dos atuais moradores. Neste mesmo ano um documento do administrador substituto do PNT, Eptácio Figueira Gervásio, afirma preconceitos (repetidos ainda hoje) e apresenta propostas que não passam pela educação ambiental ou qualquer tipo de convivência harmônica:

Concluindo, voltáramos a sugerir que a Vila São Jorge, distrito de Alto Paraíso, ficasse fora da área do PNT. Sua exclusão, livraria a administração do PNT e o próprio IBDF, de problemas futuros insolúveis, relativos a situação sócio-econômica dos seus habitantes.

A região botânica que circunda São Jorge, nada representa: é inóspita e desprovida de qualquer vegetação relevante. Na própria Vila São Jorge não há condições sequer, de moradia para algum funcionário nosso. E, como conhecemos a região, seus habitantes, suas dificuldades sócio-econômicas e culturais, àquela gente simples busca nos garimpos do cristal de rocha, em franca decadência um primitivo meio de ganhar rústicos sustentos. E, neles, arraigaram-se firmemente. Neles está a fonte única e perene, embora selvagem e decadente, da subsistência diária e da própria vida dos habitantes de São Jorge.

Não alegamos que não haveria meios para uma solução permanente do problema. Há. Ela, e a única, seria a indenização e a retirada progressiva de todos os habitantes da Vila São Jorge, para fora da área do Parna Tocantins e, posteriormente a demolição total da Vila. A permanência, reafirmamos, da Vila de São Jorge dentro dos limites do Parna Tocantins, será problema constante, diário e insolúvel à sua administração, concernente à defesa e proteção da flora e da fauna. Com a presença de garimpeiros, é-se impossível proteger a flora, a fauna e as belezas naturais de um Parque Nacional.

No fim dos anos 60, começam a chegar ao IBDF contestações das prefeituras de Alto Paraíso e Cavalcante, e de fazendeiros, quanto a legitimidade do Parque, ainda mais porque não ocorreu nenhuma indenização. Pela Portaria 1492/70 o órgão cede às pressões e nomeia "comissão para efetuar estudos sobre a necessidade de alteração dos limites" (Ferreira e Galante, 1986:1). Através de exposição de motivos (número 84) o ministro da agricultura Cirne Lima diz que a reformulação dar-se-á sobretudo, e sem maiores explicações, porque a área do Parque foi considerada "excessiva". Em seguida fala que, "sem prejuízo das finalidades da sua criação" - embora elas nunca tenham sido declaradas e muito menos efetivadas -, excluirá as principais áreas de atrito. O decreto 70.492 de 1972, reduz então os antigos 625.000 hectares para 171.924. Diante da redelimitação foi preciso adequar o nome à área de conservação, cria-se o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, mesmo nome sugerido pela Fundação Coimbra Bueno doze anos antes.

Na década de 70 o mercado de quartzo sofreu modificações que vão caracterizar o seu comportamento até os dias de hoje. O consumo mundial cai em função da substituição por peças eletrônicas; a lasca torna-se o principal produto brasileiro para alimentar a indústria do quartzo cultivado e os E.U.A. começam a lançar no mercado seus estoques estratégicos de cristal puro (adquiridos no Brasil), sendo que em 1989 exportaram 45t e o Brasil apenas uma tonelada. O trabalho árduo e mal remunerado dos garimpeiros faz hoje o lucro de países como os Estados Unidos, o maior beneficiado com a exploração do quartzo e outros recursos minerais.

O governador "biônico" Ary Valadão (78/81) cria o Projeto Agropecuário AltoParaíso, começava a expansão da fronteira agrícola do Planalto Central, que logo depois trouxe as grandes fazendas mecanizadas de soja. Surge a GO-327 (Alto Paraíso/Niquelândia), com um trecho dentro do Parque Nacional, apesar do parecer contrário do IBDF. Para as pessoas de São Jorge, que muitas vezes andavam a pé os 40 quilômetros até Alto Paraíso e voltavam trazendo o saco de mantimentos na cabeça, as mudanças foram bem-vindas. Ainda que tenha fracassado o Projeto Alto Paraíso, começa a se romper o isolamento da Vila e da área de preservação.

À 2 de julho de 1981 é sancionado o decreto que reduz o Parque à sua área de hoje, 60.000 hectares, dez vezes menor que em 1961. Reafirma-se assim a falta de planejamento dos governos em questão, reordenando o espaço sem promover as reformas necessárias na estrutura fundiária e em detrimento ainda de uma política de preservação.

Em 1985 a GO-118 leva o asfalto até Arraias, ao norte de Goiás, passando por Alto Paraíso. Chegam cada vez mais pessoas que deixam a cidade para morar no campo, os chamados alternativos. Muitos deles, jovens na década de 70, abandonam a ação no sentido da revolução política e buscam agora a revolução interior do indivíduo, uma renovação espiritual. Concentram-se na comunidade do Moinho, a 50 km de São Jorge. Em 1987 alguns turistas começam a chegar, procuram conhecer o parque.⁴

O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros completou, em 11 de janeiro de 1991, trinta anos de existência sem ter nem mesmo um administrador. Ainda que redelimitado duas vezes, o IBAMA tem o controle de apenas 2.088 hectares dentre aproximadamente 60.000. O restante está dividido em 82 ocupações, destas mais da metade tem superposição de títulos ou não tem documentos. Um novo decreto de desapropiação foi assinado em 5 de junho de 1990. O Parque aguarda agora o resultado de uma ação discriminatória que regularize a situação fundiária para posterior indenização.

O cerrado, por sua vez, agoniza com a devastação crescente. Segundo maior bioma brasileiro, ocupando mais de 200 milhões de hectares, o cerrado tem apenas 0,7% dessa área protegida por unidades de conservação. Parque Nacional é uma unidade classificada como de "proteção integral", colocando-se ao lado de Reserva Ecológica, Monumento Natural e Refúgio da Vida Silvestre. Entre os seus objetivos está o uso apenas indireto dos recursos naturais na forma de atividades culturais (em sua versão museológica), educativas e recreativas. O garimpo e qualquer tipo de extrativismo, por força da lei, não podem ser admitidos. O turismo, por isso, torna-se potencialmente a única e generosa fonte de rendas.

4. Aqui, posso dar meu próprio testemunho. Para acampar a beira das grandes cachoeiras do Rio Preto era necessário percorrer as duas ruas da Vila. Poucas pessoas haveriam de ter passado por ali, com um mapa nas mãos, tal eram as expressões de estranhamento e curiosidade dos moradores. Dentro do carro tínhamos a sensação de estar em um lugar onírico, fora do tempo e da vida ordinária.

Contudo, realizado sem limites durante um longo período, o turismo fez seus estragos. Estes com reduzidas consequências para esse verdadeiro coração do rio Tocantins, que é Chapada dos Veadeiros, quando comparados à abertura de novas pastagens para o gado.

Agora é difícil encontrar os bichos do cerrado na região. O nome Veadeiros vem de uma época em que os veados campeiros eram vistos em grande número. O povo da Vila, enquanto estava só, convivia com muitos animais, caçando apenas quando tinha necessidade de comer. Revelava uma sabedoria que lembra a de Oxossi, caçador e protetor dos animais.

2. "PARECE QUE É UM FEITIÇO...": ROÇA, GARIMPO, TURISMO E O JOGO DA IDENTIDADE.

... a psicanálise e a etnologia não são tanto ciências humanas ao lado das outras, mas percorrem o domínio inteiro destas, o animam em toda a sua superfície, expandem por toda parte os seus conceitos, podem propor em todos os lugares seus métodos de decifração e suas interpretações.

... a psicanálise e a etnologia são antes "contra-ciências"; o que não quer dizer que sejam menos "racionais" ou "objetivas" que as outras, mas que elas as assumem no contrafluxo, reconduzem-nas a seu suporte epistemológico e não cessam de "desfazer" esse homem que, nas ciências humanas, faz e refaz sua positividade. (Foucault, 1981)

A antropologia, ciência a qual na contemporaneidade, como nos diz Foucault, cabe o papel de síntese do conhecimento sobre o homem - ao lado da psicanálise - tem como fundamento do seu método a etnografia. Mil vezes pode-se defini-la. No entanto, quem faz pesquisa no locus do seu objeto, o trabalho de campo, logo percebe que a etnografia é um diálogo entre experiências distantes, ou uma "descrição densa" como prefere Geertz (1973). Além disso é em grande parte o esforço da própria literatura, traduzir com "engenho e arte", tudo aquilo que de alguma forma se pôde vivenciar.

A questão ecológica não deixou de ser tratada por essa ciência. A preocupação com o processo cultural, bastante diverso, dos povos sobre a Terra fez com que a investigação das qualidades de diferenças e semelhanças seguisse também por variados caminhos. Já sabemos que dentro de um mesmo padrão de ambiente físico frutificam culturas diferentes e não aceitamos mais que a biologia do homem prescreva sua sabedoria. Ainda assim, para além de qualquer determinismo, buscamos o que há de adaptação cultural à natureza. Disciplinas como a ecologia cultural ou a antropologia ecológica⁵, apenas tornaram o caráter material da cultura central em sua abordagem.

Nossa filosofia é outra, aqui o mais importante é o conhecimento que podemos apreender, preservar e produzir, e não as exigências de ordenação. Contudo, a avaliação de impacto cultural, objeto do presente estudo, inicia-se pela apresentação de dados provenientes do exercício etnográfico, que tratam sobretudo da produção material da sobrevivência do grupo. Não há contradição alguma, esta é apenas a base de outras realidades, daquelas coisas boas para se pensar. Nossa questão ulterior nessa avaliação é a identidade coletiva, um aspecto do qual a existência de uma sociedade depende tanto quanto qualquer outro. São os laços ideológicos/morais aqueles que da melhor maneira integram as pessoas e é porque eles existem que podemos falar de culturas.

5. Para essa discussão ver, por exemplo, Evans-Pritchard (1978), Melatti (1978), Sahlins (1979) e Viertler (1988).

Roça e garimpo

Destacam-se entre as atividades econômicas de Vila São Jorge o garimpo e a agricultura. O cultivo, basicamente do milho, arroz, feijão e mandioca, foi desde muito cedo o sustento maior daquela gente, diante da fragilidade comercial do cristal de rocha.

...os garimpeiro que não queria ir embora sem nada, ia mexer nas roça. A hora que o garimpo dava reação eles tinha esse (gesticula com a mão em frente da boca, indicando que tinham o que comer)...não é? Aí podiam tocar o garimpo.
(Rodolfo Venceslau)

Pelo depoimento podemos perceber inclusive que o garimpo se apoia na agricultura, sem a qual não poderia existir como atividade viável. Porém, o garimpo, na estação seca, e a roça, na das chuvas, dividem um espaço hierarquizado onde o garimpo é culturalmente mais valorizado. Vamos nos deter nessa análise. Há uma opção cultural não limitada às ações mais imediatas para a satisfação de necessidades básicas, que a agricultura sozinha poderia preencher.

O quartzo foi e tem sido até hoje descoberto pela "pesquisa direta, realizada por garimpeiros experientes" (Freitas, 1973: 2). Atualmente a fotografia aérea e o sensoriamento remoto via satélite permitem um levantamento geológico detalhado, contudo, não dispensam a verificação de campo. A jazida de cristal, geralmente, apresenta indícios superficiais que o garimpeiro segue para encontrá-la em profundidade no subsolo ou em coluvião, ou seja, na encosta dos morros.

De acordo com a localização da jazida ou **manchão**, ou ainda **trecho** (na Bahia), varia o método de extração. O mais referido é a **cata**, que na Bahia chama-se **corte** ("cada lugar um modo de falar"), um buraco cavado, de até cem palmos (aproximadamente 25 metros), ao qual o garimpeiro tem acesso com o auxílio de uma corda com nós, que pode estar ligada ou não a um **sarilho**. Esta engrenagem permite alçar ou descer a corda com maior facilidade e segurança. O sarilho é um eixo de madeira entre dois suportes que possui uma alavanca para auxiliar a rotação, movimentando a corda. Esta é uma das razões pela qual o trabalho na cata é realizado, preferencialmente, por duas pessoas, a outra é que também é preciso alguém para puxar o **caçoar** (saco de couro com um arco costurado, como um balde) ou a **bandeira** (pedaço de couro suspenso pelos quatro cantos), retirando terra escavada ou cristal. Uma só pessoa pode realizar o serviço de **banqueta**, até 40 palmos, escavando em degraus como uma escada e jogando a terra para os patamares superiores.

Há outros métodos que com certeza causam uma agressão maior à natureza. Na encosta dos morros cava-se a parte mais alta da jazida, deixando que a erosão, provocada pela chuva, descubra o resto. Ou quando o cristal se encontra próximo à superfície, a terra é remexida, produzindo, por todos os lados, montes de rejeitos. Até mesmo dinamite pode ser usada. Contudo, queremos mostrar que há uma tecnologia envolvida na ação do garimpeiro. Suas máquinas e ferramentas não são sofisticadas, porém têm o mérito de serem feitas por eles mesmos. Também não são meros coletores como se costuma pensar, possuem um conhecimento técnico e, sem ele, não é possível realizar essa atividade com

eficácia.

Outro fato vem se opor, no nosso caso, ao preconceito que vê o garimpo como atividade "primitiva", "rústica" e "decadente". Tanto para a indústria como para outros fins (um cristal de 18 kg está no ápice do templo piramidal da Legião da Boa Vontade em Brasília) há um valor especial quando se mantém o tamanho e a lapidação natural da pedra. Desta forma,

a mecanização da mineração do quartzo é problemática dada a ocorrência irregular do mineral e a necessidade de se evitar, durante a extração, danos na estrutura do cristal por quebra ou arranhadura. Estima-se que os avanços tecnológicos que poderão surgir, nos próximos trinta anos, no processo de mineração e beneficiamento do quartzo não causarão qualquer aumento da produção... (Freitas, 1973:4)

Assim sendo, são as próprias características do mineral que requerem um método manual de extração, o qual não é, portanto, consequência de qualquer atraso tecnológico ou intelectual. O custo de produção do cristal torna-se elevado, sendo compensado apenas pela mão-de-obra extremamente barata, já que os preços de comercialização são variáveis. A atividade está hoje, de fato, reduzida mais pela falta de mão-de-obra do que pela diminuição das reservas do mineral.

É claro que o estilo de vida simples do garimpeiro sustenta um empreendimento do qual ele é o menor beneficiado. Porém, ainda que não ligue para o luxo ou conforto, o garimpeiro se dá o direito de arriscar a sorte de possuir o que sonhou, **bamburrar**, mesmo que por esse direito arrisque a própria vida. Não adianta buscar lógica onde só há desejo:

Não sei não, parece que é um feitiço (o garimpo), porque às vezes a gente passa meses sem nada, já na roça o que planta come (Rodolfo).

A **pá**, a **picareta**, as **pontas de ferro**, a **marreta** e a **matula**, dão ao garimpeiro autonomia para iniciar algum serviço. A matula ou **saco** é a provisão de mantimentos necessária para o sustento do garimpeiro e de sua família durante as incursões ao garimpo. No saco encontram-se carne, arroz, feijão, toucinho, farinha de mandioca, café, sal, rapadura e pimenta (Sales, 1955). Foi exatamente o que comi no almoço que me foi oferecido por Zé Raimundo, na ocasião em que visitava sua pequena e maravilhosa indústria de farinha de mandioca. Podia-se colher diretamente a malagueta do pé plantado ao lado do fogão de lenha, e acrescentar ao prato, onde se misturavam arroz, torresmo, feijão, carne e a farinha, produto da casa, com fartura.

Uma das formas de organização social da produção, encontrada nos garimpos da Chapada, é o regime de **meia-praça e fornecedor**. Este último fornece as ferramentas e a matula ao meia-praça garimpeiro, que entra na "sociedade" com o trabalho. O fornecedor é de fato o dono da empresa, detém os meios de produção e assume os riscos de fracasso do empreendimento ou a maior parte nos lucros. Por outro lado não tem nenhum dos encargos do empregador. Quando o fornecedor é dono do armazém local, pode ocorrer um

endividamento progressivo do garimpeiro, que acaba trabalhando em troca de comida. Porém mais comum é o fornecedor que trabalha lado a lado com o meia-praça. O **status** de sócio é ilusório, mas perpetua a sensação de liberdade que o garimpeiro busca nas suas relações de trabalho.

Dedicam-se atualmente ao garimpo principalmente as mulheres, os velhos e as crianças, de maneira quase completamente individual. Ocorreu uma redefinição dos gêneros (masculino/feminino) relacionada à produção. Enquanto o garimpo foi a atividade geradora de riquezas por excelência, o homem e a mulher, juntos ou não, ocuparam-se dele. Nos últimos anos, com os impedimentos ao garimpo, os homens vêm se dedicando mais à lavoura e outras ocupações. Algumas mulheres estão assumindo esse espaço produtivo, retirando dos antigos **serviços** (garimpos onde se trabalha) material para fazer as **lascas** ou **miçangas** de cristal, que alimentam a indústria do quartzo cultivado. As lascas devem ter entre 30 e 40 gramas e são obtidas quebrando as impurezas das pedras de qualidade inferior com um pequeno martelo. Além disso acumulam toda espécie de trabalho doméstico: pilam arroz, dão comida as galinhas, cuidam dos filhos, fazem comida, varrem a casa, arrumam o quintal e eventualmente fazem algum artesanato. Outras vêm oferecendo refeições para os turistas e integram também a restrita faixa de assalariados: são seis professoras, três funcionárias da escola e uma do posto de saúde.

A produção local inclui o tijolo de adobe, que é o material básico da construção civil na região. Produzido a partir de matérias que compõem o próprio solo local, o barro e a pedra, portanto abundantes na natureza, apresenta um resultado arquitetônico satisfatório, tanto no aspecto de resistência física quanto no estético. Empregam apenas quatro instrumentos: o **enxada** para cavoucar o barro, a **enxada** para amassar o barro molhado e a **pá** para encher a **forma** que molda o tijolo, o qual seca ao sol. A casa de adobe é coberta com a palha (folha seca) do **buriti** (*Mauritia vinifera*), este componente de um dos mais belos cenários vegetais do cerrado, a vereda: onde a água aflora, no descampado, o buritizal circunda o pequeno regato. Nas duas estações climáticas características do cerrado, o teto de palha é funcional. "Nas águas" é completamente impermeável e na estação seca assegura uma temperatura agradável, ao contrário das telhas de cimento ou zinco. Por tudo isso, o adobe é uma solução cultural para a questão básica da habitação, completamente adaptada à natureza, pode-se dizer que é uma resposta ecológica adequada ao meio.

O ofício de ferreiro, o quibana, a farinha de mandioca e o biscoito de côco indaiá, a vassoura e o fio de algodão, são feitos com arte lá em São Jorge. Artefatos, artesanato, feito à mão. É preciso descarocar e preparar a fibra de algodão para fazer o fio, usando o **fuso** (girando feito peão) ou a roda de fiar. O fio é trançado no **torno** (pino de madeira) e depois de passado na cera de abelha, serve para amarrar a palha no cabo da vassoura ou o arco de taboca que circunda esta espécie de cesta rasa, de fundo trançado com talo do buriti, que é a **quibana**. Ela serve para catar arroz e feijão ou descansar o que saiu da peneira. Para fazer a farinha, em primeiro lugar, é preciso descascar a mandioca. Para triturar usa-se a máquina chamada **rodete**, acionada com o pé ela gira o **bolinete**, peça dentada onde se coloca a mandioca. Esta cai em pedacinhos no **masseiro** (tronco escavado, cocho). Para enxugar a massa tem a **prensa**, uma caixa cuja tampa é pressionada pelo peso de um tronco. Na **urupema** a massa descansa até ir para a mesa de pedra com um forno embaixo. Não se pode parar de mexer com o rodo, senão a farinha queima. Onde tem garimpeiro também é preciso um ferreiro para apontar a picareta e o aço de furar pedra ou então para confeccionar o martelinho de fazer lasca. Na oficina de Zé Raimundo tem mesa de carvão

com fole, para esquentar os ferros e bigorna com marreta para desentortar. Já o biscoito de côco indaiá é segredo de Dona Maria Chefe.

Resposta conservadora

A questão da identidade está no campo da dialética, sobretudo no sentido da unidade de contrários, essa especulação do que é o **ser** das coisas, que num único movimento liberta e leva todo pensamento ao caos. Um grupo social constrói sua identidade em oposição a um outro percebido como diferente, ou mesmo agressor, ou seja: um grupo define-se pelo que ele não é. Esse sistema de relações não se dá idealmente, ele só pode se realizar na situação concreta do contato.

Dentro da literatura antropológica brasileira o conceito de identidade contrastiva, em situações de contato interétnico, foi abordado por Roberto Cardoso de Oliveira (1976), fazendo menção inclusive à teoria psicoterápica da Gestalt. A teoria da Gestalt introduziu a noção de sistema, a partir da idéia de "estrutura cujas partes são de tal formas inter-relacionadas que a modificação de uma delas modifica o todo" (Tellengen, 1984), em uma psicologia marcada ainda em nosso século pelo associacionismo e as relações de causa e efeito.

Esses "todos" estruturados, para a Gestalt os próprios indivíduos, estariam sujeitos à ação de outros, que surgem em seu campo como "figuras motivacionais". Da mesma forma, as culturas contemporâneas não podem ser pensadas como sistemas fechados, que tenderiam à continuidade estrutural, sem realizar trocas com outros sistemas. É a possibilidade de mudança interna, de diferenciação, que garante a reprodução das culturas num contexto de relações intensas.

Vila São Jorge representa um desses contextos inter-culturais de trocas expressivas. A existência de um Parque Nacional divulga a região e de certa forma patrocina, com a abertura e manutenção de estradas e áreas de camping, o turismo. O povo vive nessa situação de contato - às vezes com milhares de visitantes - o questionamento da sua identidade. As perguntas, a maneira de pensar e agir dos turistas, geram respostas que procuramos agora analisar.

Muito do discurso e das atitudes dos moradores encontram o seu significado no garimpo. Sua história é contada como a odisséia de garimpeiros e o garimpo é de fato a primeira razão da permanência na região. Do garimpo todos já se ocuparam, legitimando declarações do tipo "todo mundo aqui é garimpeiro". A crítica quase unânime ao Parque está diretamente associada ao fechamento dos garimpos. Foram também pedras de cristal que, mais de uma vez, recebi como dádiva, esse fundamento da relação social, essa prova de estima.

Deveríamos então concluir que se trata de garimpeiros, porque é isso o que nos mostram? Contudo, quase ninguém mais garimpa. É da **roça** que tiram o sustento (seriam camponeses?) e do turismo que estão aprendendo a viver. Realidades contraditórias é o que nos cabe interpretar. A identidade afirma-se através daquilo que há de mais peculiar, no esforço de diferenciá-la. O garimpo é a atividade que confere essa originalidade ao grupo diante do mundo exterior.

A situação de contato agudiza esse processo, porque no diferente há um desafio, o

da crítica a si mesmo. A discussão dos pontos de vista, das visões de mundo, vai moldando esse caráter de oposição da identidade. Na sua forma coletiva, força uma resposta abrangente do grupo. O que eu sou é também o que eu sei, se não sei, desfaço-me.

O discurso dos ecólogos e ecologistas classifica a garimpagem como rústica, primitiva e decadente; já os funcionários do IBAMA, ainda que tolerem o garimpo (permitem explorar alguns dos serviços antigos), não deixam de criticá-lo. Essas posturas estimulam uma "estratégia conservadora" do grupo, como propõem Scudder e Colson (1982) na análise da realocação de populações em função de grandes projetos de desenvolvimento. A população da Vila sentiu sua existência ameaçada com o surgimento de uma instituição com regras proibitivas para uma área à qual tinha acesso ilimitado. Regras sobre as quais absolutamente não teve participação. A cerca do Parque diminuiu não só o espaço da Vila, mas sua autonomia.

Assim é que, à luz do modelo da "estratégia conservadora", podemos entender a resposta do garimpo como identidade. A comunidade volta-se para si, numa retomada de valores culturais, em nosso caso, ligados ao garimpo. Dissemina-se um falar sobre seus problemas, há um crescimento do auto-conhecimento do grupo. Busca-se resistir à injunções que desautorizam o grupo da capacidade de determinação do que é melhor para ele, do seu destino. A feição cultural particular está em jogo e o resultado pode ser a persistência, a incorporação de novos valores ou até o aniquilamento.

Um processo dinâmico

É preciso observar que a identidade é um processo dinâmico. Na Vila, a tradição garimpeira dos pais, os migrantes, já não se revela na perspectiva dos filhos, os nativos. Os pais foram criados dentro de um **ethos** camponês, como atestam os valores e ações envolvidos no curioso rito da **traição**, vivido por Domingos Soares Farias, 65 anos, na sua juventude em Barreiras (BA):

...antes de dar a traição no cara, chega lá na casa dele e fala que quer um serviço pra ganhar um dinheiro e vai lá na roça combinar...combinar nada, é só pra reparar o tanto de serviço que tem, pra arrumar as pessoas suficientes(...)quando dá no dia exato dele ir trabalhar naquela empreita é que dá a traição(...)eles quer dar a traição para te ajudar né, naquela roça, aí chega de madrugada, meia-noite, com os instrumentos tudinho, é sanfona, é foguete, quando você dá fé o pau quebra na sua porta(...)depois vamos fazer em outro vizinho, deixa ele esquecer um pouco(...)amizade né, porque aquele negócio de ficar pagando dois dia um, dois dia outro, gasta muito mais(...) quem vai trabalhar na traição não tá querendo dinheiro, tá querendo dançar e farrear.

Não obstante ter sido criada dentro de uma estrutura repleta de laços de solidariedade social, a geração "migrante" dos habitantes de São Jorge seduziu-se pela vida aventureira do garimpo, meteu o pé na estrada e rumou para o Goiás. Os filhos desses

garimpeiros, "criados na serra", trabalhando desde poucos anos de idade na extração do cristal, não querem mais garimpar. Buscam, como os pais no passado, identificações mais desejáveis.

Essas rupturas, tanto no processo vivido pelos pais, quanto no dos filhos, não deveriam invalidar a nossa teoria da identidade, como fator de coesão e auto-afirmação do grupo diante das interferências desagregadoras? Fato é que identidades são cristalizações de circunstâncias históricas. O que já não serve mais deve ser superado, não negado, mas incorporado enquanto história, abrindo espaço para soluções criativas frente às novas exigências.

Assim é que, ao afirmar-se como garimpeiro, faz-se também uma crítica. "Garimpeiro nunca se apruma" ou "perdi minha vida na ilusão" são pensamentos que fazem parte da sua consciência. Mensagens que resultam da experiência de vidas inteiras não poderiam passar despercebidas para a nova geração. Ninguém se identifica com o que está desvalorizado, todos querem "saber do que pode dar certo".

Velhos e novos valores

Poucas famílias conservam-se atualmente como donas de terra, o restante vendeu suas antigas posses. Sem o meio de reprodução fundamental para a família camponesa, optaram, em sua maioria, por trabalhar como **meiros**, dividindo os resultados da colheita com o proprietário da terra. Assim todos possuem **roça**, mesmo quando não possuem terra. Na roça são eles que decidem o que plantar, como, e quando colher, conservando sua autonomia e autoridade como organizadores do processo produtivo.

O sistema de **meia** ou **renda** estabelece uma relação tal que, se o sujeito não é dono também não é empregado, assegurando uma ética camponesa na qual não é preciso trabalhar para ninguém (Woortman, 1988); da mesma forma que no garimpo a relação de meia-praça e fornecedor garantia uma espécie de sociedade.

A **meia** é uma outra expressão, do lado da tradição camponesa, de "resposta conservadora", a nível da prática e não do discurso, diante da mercantilização da terra. As relações de compadrio também persistem. Ganha-se uma "cumadre" e um "cumpadre" ao batizar um filho deles ou ao recebê-los como padrinhos de um filho seu. Intensifica-se então a relação de amizade e auxílio mútuo entre os adultos e a criança. Por toda a vida, deve-se pedir a "benção", deve-se respeito e obediência a seus padrinhos. Há sinais de resgate da identificação com a terra e a agricultura, a recente Festa do Milho é um exemplo. Das inúmeras roças retira-se o milho verde para fazer uma festa com muito forró e pamonha.

A Vila transforma-se em cidade. A comunidade conseguiu, através de sua mobilização e do trabalho comunitário, abastecimento permanente de água. Muito mais é desejado: luz, transporte, implementos agrícolas. Nessa luta por melhores condições de vida virá não só o necessário, como também os produtos que o capitalismo tem a oferecer, é um processo incontrolável. A televisão, por exemplo, conseguiu ser mais rápida que a luz. Com uma antena parabólica, doada, e um gerador, o povo vê todas as noites em uma sala da escola o jornal e a novela da Rede Globo, emissora escolhida por votação, dizem. Seria preciso uma outra pesquisa para avaliar as transformações culturais sob o impacto da

televisão, entretanto, já sabemos que seus piores produtos apresentam um mundo fútil, competitivo, violento.

Essas não são tradicionalmente características da comunidade de São Jorge. Os dois maiores valores, revelados pela pergunta a respeito do que é certo ou errado, são o trabalho e o respeito ao outro. Essa moral completa-se com uma visão que baseia sua explicação do mundo na crença em "Deus". Ao passo que há essa hierarquia cosmológica, a qual deve ser respeitada, a prática política por sua vez rechaça qualquer tentativa de estabelecimento de lideranças locais. A postura "anárquica", no entanto, reflete uma elaboração negativa da convivência, muito próxima, no povoado; as fofocas e maledicências têm levado a um maior isolamento dos núcleos familiares. Ainda que esse problema, para a maioria, não resulte no abandono do valor do bom relacionamento, tem impossibilitado a organização política em um nível de decisão comunitário. Da superação do passado e dos entraves comunicativos depende o sucesso da "estratégia conservadora", no sentido de que ela consiga, através de uma autonomia política-cultural, incorporar o turismo e o Parque sem perda de identidade.

A questão da caracterização do grupo como garimpeiro ou camponês é transcendida pela dualidade de **viver como** camponês e **ser** garimpeiro. As categorias de classificação devem dar lugar às relações específicas com a roça, o garimpo e o turismo.

A roça representa a intimidade com a natureza, delimitando os horizontes de um universo particular. Crianças e adultos conhecem uma imensa variedade de plantas e animais e sabem como dispor desses recursos com instrumentos simples e técnicas naturais. Ao lado disso há o respeito gerado pelo trabalho duro para obter os frutos da terra, pela necessidade de vencer distâncias e medos, pelo prazer de suas belezas. Contudo, há também a sensação incômoda de que com a roça não se progride, apesar da certeza de que sem ela seria pior.

O garimpo porta todo um passado lembrado como época de liberdade e fartura. Os sonhos de riqueza e o fascínio de lendas - como a do diamante dentro de um cristal enterrado por um garimpeiro - fazem parte desse sentimento mágico que envolve o garimpo. Era a atividade comercial por excelência, ao contrário da roça, meio de sobrevivência. O garimpo é também ilusão e fracasso, sem deixar de ser um símbolo de resistência ao conformismo e a submissão.

O turismo é o representante de uma nova época de dinheiro e das iniciativas de aproveitá-la. A ligação com o mundo, novas possibilidades de adquirir conhecimentos e amizades. Mas o turismo também é a desordem, o inevitável sentimento de perda de um tempo tranquilo e feliz, que tem levado alguns velhos moradores, como em busca do garimpo a quarenta anos atrás, novamente para a estrada.

3. ECOLOGIA E CULTURA

O "I Encontro Ecológico da Chapada dos Veadeiros" foi um desses eventos em que se confrontam diversos atores sociais e suas falas e que pela carga emocional e simbólica assume o caráter de um verdadeiro "drama social" (Turner, 1982). Pudemos presenciá-lo na época sem saber que ali estavam contidos os elementos que despertariam mais tarde o objeto deste trabalho.

O palco era o pátio da escola, sentados em círculo misturavam-se: militantes pró-preservação da natureza, os ecologistas (membros de um dos quarenta grupos de Brasília), com alguns moradores do Vale do Moinho ligados ao movimento de comunidades alternativas, estudantes de antropologia da UnB, moradores de São Jorge e turistas. A Vila estava com o abastecimento de água interrompido e este logo despontou como o problema ecológico mais importante. A necessidade de se garantir as condições básicas de sobrevivência da população vizinha à unidade de conservação, inclusive como forma de equilibrar essa relação, fez emergir uma realidade inesperada para os jovens ambientalistas. O discurso de abertura de um dos ecologistas fazia menção à coisas como **bioma**, **Woodstock** e **efeito estufa**. Ao final uma moradora da Vila comentou:

- "**Eles podiam ter começado explicando o que é ecologia, né?**"

Havia, portanto, pelo menos num dos moradores, a consciência daquilo que é o grande desafio do movimento ecológico, o processo educativo. O encontro comunicativo fracassa quando a perspectiva do entedimento é substituída pela afirmação hermética de um dos pontos de vista. Não obstante, como toda a oportunidade de debate de diferentes concepções, o "encontro ecológico" plantou suas raízes.

Ameaças à comunidade

O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV) não é para o povo da Vila, como para os turistas ou ecologistas, uma invenção recente. Na década de 60 a população já se preocupava com ameaças de realocização, cogitada conforme mostramos (pág. 12) pela alta administração do extinto IBDF. Por isso elaborou em 1968, talvez o primeiro abaixo-assinado, encaminhado ao presidente Costa e Silva com 322 assinaturas:

Também afirmam os mesmos (guardas do Parque), que será requerido o despejo do pessoal residente em toda esta região, como também neste povoado de São Jorge, sede de todos os garimpos...

A ocupação da região se deu em terras devolutas, a partir de 1912. Em 1963 o Parque adquiriu as terras das principais regiões de garimpo no entorno da Vila. Não há registro dessa transação na comarca de Cavalcante, apenas em um cartório de Goiânia. Foram 726 ha de Delfino Szerwinski e 1326 ha de Roland Steyloerts, reconhecidos como donos da imensa área que era ocupada apenas pelos garimpeiros. Logo depois, a sede do

Parque mudou-se de Pouso Alto, ponto culminante do Estado de Goiás, para onde se encontra hoje, próxima à Vila. Após o que aumentou a fiscalização, causando até mesmo o conflito, que o povo conta inconformado, no qual um menino foi ameaçado com uma arma de fogo, em uma das repressões ao garimpo.

Surgiu uma avaliação negativa com relação ao Parque. Esta se reflete até hoje na crítica dos moradores, preocupados em preservar também as atividades que garantem o seu modo de vida:

O Parque tomou o nosso viver.

Atrapalha em tudo. Não ajuda em nada.

Tirar um quilinho de miçanga pra comprar um pacote de açúcar, tá resolvendo pra quem não tem, mas não pode mais.

O Parque não deixa nem pegar uma palha pra cobrir a casa.

O Parque acabou com isso aqui, foi um atraso.

O Parque não ajuda nem atrapalha, Tem pessoas que trabalham no Parque que proíbem o garimpo e tem outros que ajudam quando precisa.

É bom pela preservação.

Ninguém sabia o que era o Parque, pensava que trazia melhora para o lugar, trouxe é azar.

Precisamos do garimpo e precisamos do Parque.

O morador velho que tem aqui não tem licença de pegar um pau pra cercar uma horta ou lenha pra cozinhar, eu acho que isso não acaba com o Parque.

Tá morando no que é seu e não pode derrubar um pedacinho de terra pra fazer uma roça, plantar um pé de milho pra comer.

A natureza não é conveniente estragar, mas também a gente precisa de um cantinho, não vem do princípio do mundo? O que é que Deus fez, segundo a história? Mandou o homem trabalhar não é? Comer o pão ganho com o suor do seu rosto e teve que estragar ela, já começou daí. O homem cresceu e multiplicou e vem estragando com a natureza; e se não tiver um meio de evitar

acaba e não pode acabar.

As opiniões a respeito dos efeitos que o Parque traz para a comunidade apresentam dois conteúdos predominantes. Um deles é o da revolta. O Parque é culpado pelo aumento das diferenças sociais, com o empobrecimento de alguns e a perda de referenciais culturais, nessa conjuntura de restrição a recursos abundantes. O outro conteúdo é o da busca de conciliação. Defende a idéia de criação de uma área sob o controle da comunidade. Pede algum manejo de terras no entorno, de posse duvidosa, garantindo a sobrevivência das atividades históricas e com regras de uso que impeçam o esgotamento dos recursos.

É preciso registrar que o turismo não é visto como um produto do Parque e sim como um evento independente. O boato de um convênio entre a Prefeitura de Alto Paraíso e o IBAMA, para que fosse construída uma outra estrada de acesso às cachoeiras do Rio Preto, sem passar pela Vila, fez com que a população se manifestasse radicalmente contra. O episódio reforçou a idéia do Parque como obstaculizador também do turismo. Este que tantas vezes foi apresentado, em defesa do Parque, como contrapartida ao fechamento dos garimpos.

Conservação ou preservação?

A análise de impacto cultural de um projeto ecológico deve levar em consideração o método da avaliação de impactos sociais de projetos de desenvolvimento, oriundo da chamada Antropologia do Desenvolvimento⁶. Esta tem procurado uma abordagem interdisciplinar que inclua aspectos como saneamento básico, saúde, economia, ecologia, educação e política-administrativa, dentro de um enfoque generalista do problema (Lima, 1988) como buscamos fazer através do deslindamento das questões ligadas à identidade.

Essa discussão implica na interpretação das concepções acerca do conceito de desenvolvimento. Em nosso caso devemos nos concentrar naquilo que é o seu complemento: as concepções sobre conservação. A partir da perspectiva teórica e prática deste conceito, desenvolvida pelos agentes conservacionistas, pode-se identificar o tipo de interferência, o impacto, do seu projeto na cultura.

O conceito de conservação está difuso em estudos isolados, não possuindo um desenvolvimento teórico paradigmático. No entanto, ele pode ser definido, mais como uma aproximação do que pode ser melhor formulado na observação da prática de seus agentes:

No campo da ecologia, conservação é definida como: "a proteção de recursos naturais renováveis e seu manejo para utilização sustentada de rendimento ótimo".⁷

6. Ribeiro (1988), Scudder e Colson (1982) e Sigaud (1987).

7. A definição é de Goodland (1975) e está citada em artigo de Dias (1990).

...compatibilizar, da forma mais efetiva possível, as necessidades de desenvolvimento econômico e social com os processos naturais da evolução orgânica, dos quais depende a continuidade da vida na Terra (SNUC, 1989: 21).

Dentro desta conceituação as unidades de conservação deveriam atuar como laboratórios para a construção de modelos alternativos de desenvolvimento, já que aliados à preservação da natureza, com o monitoramento das diversas áreas científicas. Entretanto, este objetivo da conservação, o uso sustentável dos recursos naturais, não encontra respaldo no discurso de alguns ecólogos, biólogos, geógrafos e engenheiros florestais. Ele tem enfatizado a conservação no seu sentido mais restrito, o da preservação integral dos recursos.

É claro que a escassez de recursos naturais, o desaparecimento de espécies e a destruição de ecossistemas, geradas pelo modelo capitalista de exploração, requerem atitudes restritivas no sentido de controle da ação humana sobre o meio. Porém, à medida que os agentes conservacionistas se afastam dos problemas da relação cultura-natureza, caminham em direção contrária a uma solução definitiva da questão ecológica.

A limitação da proposta de conservação tem levado inclusive à realocização de populações, prática tão autocrática e desastrosa culturalmente tal qual as que marcam os projetos de desenvolvimento, ligados a setores públicos e privados. A expulsão de comunidades para outras áreas tem acontecido no Brasil, principalmente, em função de grandes projetos hidrelétricos. Os efeitos sobre a população incluem a depressão psíquica, o empobrecimento e a desorganização política.

Do lado dos projetos ecológicos temos notícia de realocização nos seguintes parques nacionais: Jaú (município de Airão-AM), Serra da Capivara (município de São Raimundo Nonato-PI), Serra da Canastra (municípios de São Roque de Minas, Sacramento e Delfinópolis-MG), Caparaó (divisa do ES e MG) e ainda na reserva biológica do Rio Trombetas (município de Oriximiná-PA). Essa exclusão das culturas, empreendida pelos administradores e cientistas da questão ecológica, revela-se também na análise do plano de manejo dos parques nacionais - embora 46% não possuam plano, assim como o PNCV.

Os planos de manejo têm uma estrutura que se divide em: enquadramento nacional e regional, análise da unidade de conservação, manejo e desenvolvimento, e implementação. O IBAMA adota a metodologia da União Internacional Para Conservação da Natureza, com sede na Suíça. A questão cultural é enfocada apenas nas duas primeiras partes, no item "valores culturais". O estudo do seu conteúdo nos permite afirmar que o valor cultural de uma unidade de conservação, para os autores do plano, são os vestígios de sociedades extintas. Encontram-se referências sobre inscrições rupestres, objetos encontrados e até lendas. O interesse antropológico é substituído pela arqueologia e a historiografia oficial. As realocizações são omitidas e as comunidades vizinhas não são problematizadas, a fim de que não se evidenciem as contradições de uma relação cultura-natureza caracterizada pelo interdito.

Ação ambiental: zona de diálogos

Ainda que possamos falar de natureza enquanto essência exterior à razão humana, essa natureza é construída incessantemente a partir dos processos históricos de apropriação ideológica e transformação econômica. A cultura, por sua vez, retira do ambiente natural suas potencialidades cognitivas e materiais. A ecologia, enquanto ciência, deve acrescentar ao estudo das inter-relações entre os seres vivos e entre estes e o meio que os cerca, cada vez mais, o homem como variável fundamental. Por outro lado, a ecologia, enquanto movimento social, necessita aprofundar o seu diálogo com as comunidades, como forma de resgatar os seus conhecimentos sobre as espécies e fenômenos da natureza, e suas experiências de manejo construídas ao longo da história. É preciso considerar as falhas dos processos econômicos, políticos e tecnológicos, para que mais uma vez não se prive alguns brasileiros da sua cidadania, enquanto grandes latifundiários fazem seu uso especulativo da terra.

O impacto cultural do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros sobre a comunidade de São Jorge está inserido numa concepção de conservação predominante até aqui. A restrição às atividades produtivas com o escaçamento das terras, que o Parque ajudou a provocar, aguarda uma alternativa. Esta deve passar pela relações que vierem a se desenvolver entre Parque, Vila e turismo.

O impacto central está relacionado ao desrespeito à identidade. Os agentes de preservação, na falta de uma estratégia mais adequada, desvalorizaram abertamente o garimpo, interferindo numa expressão essencial da cultura, a identidade. Decorreu daí toda espécie de preconceitos, que classificando o garimpo como "primitivo", "rústico" e "decadente", acabou por estereotipar os moradores como "miseráveis", "burros" e "preguiçosos". O que gerou a "resposta conservadora" do grupo e nenhum benefício para a unidade de conservação. Esta situação só será revertida por uma educação ambiental, de via dupla.

A proposta "Orientações e estratégias para formulação e implantação de projetos de educação ambiental para as comunidades vizinhas às unidades de conservação", de Bernardes e Martins (1988), discute situações nas quais a atividade extrativista ocupa um lugar especial na cultura. Sua estratégia é minimizar gradativamente o impacto ambiental, evitando, através do debate permanente, o impacto cultural. Nesse sentido, o trabalho, que é voltado para administradores de unidades, sugere o desenvolvimento de quatro etapas: aproximação com a comunidade e o estabelecimento de uma relação mútua, período de observação e coleta de dados, a organização sistemática do material colhido e a devolução do material à comunidade para discussão e elaboração. As autoras basearam sua metodologia na proposta de pesquisa participante do antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (1983).

Acreditamos que nesta dissertação realizamos um exercício desse tipo. A antropologia possui a base teórica e a experiência de campo que podem trazer um amplo desdobramento para questões suscitadas pela educação ambiental. Esta potencialmente a melhor maneira de ecologistas, cientistas, administradores e cidadãos em geral desenvolverem um aprendizado simultâneo do problema ecológico-cultural. Além disso, planos de ação ou de manejo de unidades de conservação devem contar com a colaboração desses diversos segmentos, antropólogos inclusive. A ampliação da noção de conservação, através da crescente intimidade com o universo cultural, pode dar uma contribuição importante para a solução dos males econômicos, políticos e tecnológicos que afligem o povo brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Roberto A. de

1988 - **O saber camponês**. Dissertação final de Bacharelado em Ciências Sociais/habilitação em Antropologia-UnB

BERNARDES, Martha T. & MARTINS, Maria C.C.

1988 - **Orientações e estratégias para formulação e implantação de projetos de educação ambiental para comunidades vizinhas às unidades de conservação**. Brasília: IBDF/COPLAN

BRANDÃO, Carlos R.

1981 - **Pesquisa participante**. 3a. ed. São Paulo: Brasiliense.

CAMINO, Rizzardo da

1990 - **São Jorge**. Rio de Janeiro: Eco/Mandarino.

DIAS, Bráulio F. de Souza

1990 - in **Cerrado: caracterização, ocupação e perspectivas**. Pinto, Maria L. (org.) Brasília: UnB/SEMATEC.

EVANS-PRITCHARD, E. E.

1978 - **Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. São Paulo: Perspectiva.

FERREIRA, Lourdes M. & GALANTE, Maria L.

1986 - **Relatório de viagem ao Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros - Estado de Goiás**. FUNATURA.

FOUCAULT, Michel

1981 - **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 2a. ed. São Paulo: Martins Fontes.

- FREITAS, Alencar S. de
1973 - **Perfil analítico do quartzo**. Rio de Janeiro: DNPM.
- GEERTZ, Clifford
1989 - **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara.
- GOODLAND, R.
1975 - **Glossário de ecologia brasileira**. Manaus: CNPq/INPA.
- LEACH, Edmund
1987 - **As idéias de Levi-Strauss**. 2a. ed. São Paulo: Cultrix.
- LIMA, Vanilson
1988 - **As grandes barragens e o impacto social na Amazônia**. In *Análise e Conjuntura*. vol.3, no.3 Belo Horizonte: João Pinheiro.
- MAUSS, Marcel
1974 - **Sociologia e Antropologia**. vol. 2 São Paulo: EPU.
- MELATTI, Julio C.
1978 - **Fecundidade e limitações de uma teoria**. Anuário Antropológico/77, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- OLIVEIRA, Roberto C. de
1976 - **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira.
- PÁDUA, José A. (org.)
1987 - **Ecologia e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/IUPERJ.
- PALACIN, Luiz
1979 - **O século do ouro em Goiás**. 3a. ed. Goiânia: Oriente/INL-MEC.
- PLANO DE MANEJO
1981 - **Parque Nacional de Ubajara**
Parque Nacional de Caparaó
Parque Nacional da Serra da Canastra
Parque Nacional do Iguaçu
Parque Nacional da Tijuca
M.A./IBDF - Fundação Brasileira Para a Conservação da Natureza.

RIBEIRO, Gustavo L.

1985 - **Proyectos de gran escala: hacia un marco conceptual para el análisis de una forma de producción temporaria.** In Leopoldo Bartolomé (ed) **Relocalizados: Antropología Social de las poblaciones desplazadas.** Buenos Aires: IDES.

ROCHA, Gerônimo de A.

1984 - **Em busca do ouro: garimpos e garimpeiros no Brasil.** Rio de Janeiro: Marco Zero.

SALES, Herberto de

1955 - **Garimpos da Bahia.** Serviço de Informação Agrícola/MA.

SCUDDER, Thayer & COLSON, Elizabeth

1982 - **From welfare to development: a conceptual framework for the analysis of dislocated people.** In A. Hansen e A. Oliver-Smith (orgs.), **Involuntary Migration: the problems and responses of dislocated people.** Boulder: Westview Press.

SAHLINS, Marshal

1979 - **Cultura e razão prática.** Rio de Janeiro: Zahar.

SIGAUD, Lygia

1987 - **Expropiação do campesinato e concentração de terras em Sobradinho: uma contribuição à análise dos efeitos da política energética do Estado.** In ANPOCS: Ciências Sociais Hoje. São Paulo: Vértice/ANPOCS

SISTEMA NACIONAL DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

1989 - Plano da Fundação Pró-Natureza, aprovado pelo CONAMA, Brasília.

TELLEGEN, Thérèse A.

1984 - **Gestalt e grupos: uma perspectiva sistêmica.** São Paulo: Summus.

TURNER, Victor

1982 - **From ritual to theatre: the human seriousness of play.** New York City: Performing Arts Journal Publications.

VERGER, Pierre F.

1987 - **Lendas africanas dos orixás.** 2a. ed. São Paulo: Corrupio.

VIERTLER, Renate B.

1988 - **Ecologia cultural: uma antropologia da mudança**. São Paulo: Ática.

WOORTMANN, Klaas

1987 - **"Com Parente Não se Neguceia": o campesinato como ordem moral**.
Brasília/Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.